

ISSN 1980315-X



Impresso
Especial

0334/2001-DR/RS
ADUFRGS

...CORREIOS...

ADverso

Nº 159 - Agosto / 2008

Consulta Eletrônica, realizada no dia 13 de agosto, revelou que ampla maioria dos docentes filiados à Adufrgs desejam que a entidade se transforme em sindicato local. Uma assembléia geral será convocada para votar mudanças estatutárias.

Sim ↪

**Professores querem
a Adufrgs-Sindicato**

SATISFAÇÃO

A Adufrgs quer saber o que os associados pensam sobre as ações da entidade. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nosso trabalho. Responda à Pesquisa de Satisfação através do

www.adufrgs.org.br

ADufrgs 30
ANOS
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

ADufrgs 30
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

Seção Sindical da Andes-SN
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS
CEP 90050-120 Fone/Fax: (51) 3228.1188
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>

Diretoria

Presidente: Eduardo Rolim de Oliveira
1º vice-presidente: Cláudio Scherer
2º vice-presidente: Lúcio Hagemann
1º secretário: Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira
2º secretária: Maria Luiza A. Von Holleben
1º tesoureiro: Marcelo Abreu da Silva
2º tesoureira: Maria da Graça Saraiva Marques
1º suplente: Mauro Silveira de Castro
2º suplente: José Carlos Freitas Lemos

Adverso

Publicação mensal impressa em papel Reciclatto 90 gramas
Tiragem: 5.000 exemplares
Impressão: Comunicação Impressa
Produção e edição: Editora Verdeperito Ltda.
Editora: Maricélia Pinheiro (MG 05029 JP)



Reportagem: Maricélia Pinheiro, Clarissa Pont e Zaira Machado (7812)
Fotos: Clarissa Pont (13302)
Ilustrações: Mario Guerreiro
Capa: Marcos Guimarães
Projeto Gráfico: Marcos Guimarães
Assistente de Arte: Tomaz Pivetta

Ao Sindicato Local

A crise e a divisão que há anos acompanham o Movimento Docente brasileiro levaram um grupo de professores de diversas Universidades Federais a formar uma Comissão Pró-Sindicato Nacional, com o objetivo de avaliar a oportunidade de fundar, em âmbito nacional, o Sindicato de Professores do Ensino Superior Público Federal.

Os associados da Adufrgs decidiram, por ampla maioria de votos, na consulta do dia 13 de agosto, levar avante a reforma de seus estatutos, por duas razões: preparar a Associação para adquirir as prerrogativas de Sindicato dos Docentes do Ensino Superior Federal do Município de Porto Alegre, com vistas a construir, juntamente com as demais Associações de Docentes do Ensino Superior Federal do País que optarem por transformar-se em sindicato, uma Federação Nacional; adequá-lo às exigências do Novo Código Civil Brasileiro, visto que, sem esta adequação, não poderemos nem mesmo dar posse à nova diretoria a ser eleita no final deste ano.

A diretoria da Adufrgs dirige-se aos seus associados para manifestar seu apoio à fundação do Sindicato Nacional e, ao mesmo tempo, esclarecer que a fundação do mesmo não modifica em nada nossas ações na busca do Sindicato Local e Federação. Assim como há várias cidades nas quais sindicatos locais de docentes federais poderão ser criados em breve, como em Belo Horizonte, São Carlos, Salvador, Goiânia, Natal, Fortaleza, Campo Grande e outras, há também muitas cidades onde, havendo Universidade Federal, não se percebem condições de formar um sindicato local em curto prazo. A fundação do Sindicato Nacional atende a duas finalidades: proteger, sindicalmente, os docentes federais de cidades onde não há condições de fundar o sindicato local e todos enquanto não se conseguir o objetivo final, de mais longo prazo, da formação dos sindicatos locais e Federação.

Em todo o mundo os trabalhadores repensam suas formas de organização. No Brasil vive-se um momento importante de redefinições, em que se procura ampliar a autonomia dos trabalhadores e a liberdade sindical. No setor público, especialmente no âmbito do ensino superior, esse é um desafio que se faz maior quando se busca a ampliação do ensino federal, almeja-se a constituição de um sistema nacional de negociação coletiva e se propõe a redefinição da carreira docente. Entendemos que a Andes, Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, esgotou, de forma terminal, a sua capacidade de nos representar e defender. A Associação Nacional, dispersando-se na multiplicidade de interesses de seus filiados, pertencentes a instituições federais, estaduais, municipais e particulares, o que implica interlocução com o governo federal, com os governos estaduais e municipais, e com o patronato da iniciativa privada, além de trazer para seu interior, nos últimos anos, a defesa de interesses partidários, desviou-se da ação sindical. Assim, esbarrou em conflitos de representação com entidades anteriormente constituídas, como as de docentes do setor privado, razão pela qual teve suspenso, desde 2003, seu Registro Sindical no Ministério do Trabalho e Emprego.

Conclamamos nossos associados, após a inquestionável manifestação de apoio, concedida pelos votos na consulta do dia 13 último, a continuarem juntos conosco, na busca destes objetivos, a fundação do Sindicato Nacional de Docentes do Ensino Superior Federal e a conquista pela Adufrgs dos direitos e prerrogativas de Sindicato dos Docentes do Ensino Superior Federal do município de Porto Alegre.

ÍNDICE

04	SEGURIDADE SOCIAL
05	4º ENCONTRO NACIONAL DO PROIFES
06	FAMED COMEMORA 110 ANOS
08	ENTREVISTA “O MST RECREOU A ESCOLA” Paulo Eduardo Arantes, filósofo e professor aposentado da usp
12	VIDA NO CAMPUS
14	CENTRAL Consulta Eletrônica Maioria diz SIM ao sindicato local
16	ARTIGO O feitiço midiático de Uribe e a consolidação do fascismo na Colômbia por Félix González
18	NOTÍCIAS Memória Olímpica Exposição na Esef reconta a história das Olimpíadas
20	PRESTAÇÃO DE CONTAS
21	OBSERVATÓRIO
22	NAVEGUE
23	ORELHA
24	HIPERMÍDIA “Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – Imagens e Memória” Do armário ao HD
26	+1
27	A HISTÓRIA DE QUEM FAZ

Evite a aposentadoria compulsória ou por invalidez



As várias alterações na legislação previdenciária aplicável ao servidor público geram, naturalmente, dificuldades de compreensão quanto aos requisitos necessários para aposentadoria. Mais do que isso, muitos servidores públicos sequer têm conhecimento da forma como serão calculados os proventos. Isto tem feito com que alguns se aposentem em circunstâncias que, talvez, não fossem as mais adequadas. É o caso, em especial, dos servidores aposentados compulsoriamente aos 70 anos, que tinham tempo de serviço suficiente para aposentadoria voluntária.

As emendas constitucionais surgidas a partir de 1998 sempre vieram acompanhadas de regras de transição que preservavam, aos servidores já empossados antes de suas edições, uma série de direitos pré-existentes, entre os quais, a aposentadoria com proventos integrais e a paridade entre ativos e inativos. Contudo, não foram criadas regras de transição para o caso das aposentadorias compulsórias, sejam elas por idade (70 anos) ou por motivo de doença.

A partir da edição, em 31 de dezembro de 2003 da Emenda Constitucional 41, as aposentadorias compulsórias tiveram novo tratamento, sendo afastada a antiga regra do cálculo dos proventos de forma integral, ou seja, no mesmo valor da última remuneração. Esta alteração está prevista na nova redação do artigo 40 da Constituição, bem como do seu parágrafo 3º que estabelece que para o cálculo dos proventos de aposentadoria, por ocasião da sua concessão, serão consideradas as remunerações utilizadas como base para as contribuições do servidor aos regimes de previdência de que tratam este artigo e o art. 201, na forma da lei.

Portanto, as aposentadorias por invalidez ou compulsórias gerarão ao servidor um provento que leva em consideração a média das remunerações ao longo dos anos que serviram de base para incidência das contribuições para o PSSS. Como acontece com qualquer cálculo pela média, o resultado será

inferior ao último vencimento recebido em atividade, que é, em geral, o mais alto. Com isso, o servidor aposentado compulsoriamente ou por invalidez a partir de janeiro de 2004, não receberá proventos iguais aos que eram pagos em atividade. Além disso, os proventos de aposentadoria perderão qualquer vinculação com os rendimentos dos ativos, ou seja, perde-se a paridade entre ativos e inativos. Todo e qualquer ganho que for obtido nas campanhas salariais não será repassado aos aposentados, após janeiro de 2004, por invalidez ou compulsória que tiverem seus proventos calculados por esta sistemática nova.

A experiência tem demonstrado, contudo, que em muitos casos, esta aposentadoria menos favorável poderia ser evitada caso o servidor já houvesse preenchido os requisitos para aposentadoria voluntária que lhe garantiria proventos integrais. O alerta, portanto, é para que o servidor, às vésperas de alguma destas hipóteses (licença prolongada para tratamento de saúde ou proximidade dos 70 anos), sempre solicite na via administrativa uma análise da possibilidade de aposentadoria voluntária, por tempo.

Além disso, recordamos que por diversas vezes esta assessoria jurídica tem alertado para a possibilidade de conversão do tempo de serviço trabalhado em condições insalubres e perigosas durante o período celetista (antes do RJU, de dezembro de 1990), o que gerará acréscimo no período total trabalhado.

Neste caso, se preenchidos os requisitos, convém as modalidades de aposentadoria por tempo, até porque serão preservados o rendimento integral e a paridade entre ativos e inativos. Em suma, orienta-se os servidores nesta situação para que sempre pesquisem alguma alternativa à aposentadoria por invalidez ou compulsória.

Francis Campos Bordas

4º ENCONTRO NACIONAL DO PROIFES

Deliberações podem ser debatidas através da internet

Está aberto, desde 11 de agosto, o fórum eletrônico para discutir as deliberações do 4º Encontro Nacional do Proifes, que aconteceu em Brasília entre 30 de julho e 2 de agosto. A partir deste debate será realizada consulta eletrônica a todos os associados sobre as decisões tomadas no Encontro. Vale ressaltar que as propostas derrotadas também vão a plebiscito, fazendo com que as posições da entidade sejam realmente decididas pelo conjunto dos associados, de forma autônoma e plenamente democrática.

Com relação à Carreira Docente o Encontro aprovou parâmetros para orientar a reestruturação da mesma, que deverão ser debatidos pelos professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) através de discussões presenciais (assembléias gerais) e de consulta eletrônica, com a finalidade de subsidiar a participação do Proifes no GT-Carreira. Para sistematizar os resultados desse debate, foi criada uma Comissão sobre Carreira Docente, formada por professores da Ufscar, Ufrgs, UFRN, UFSM, UFMG e UFC. Para o GT-Carreira foram indicados os professores Gil Vicente Figueiredo, da Ufscar e Eduardo Rolim de Oliveira, da Ufrgs como titulares. Jaime Mendonça, da UFPE e Eliane Leão, da UFG ficaram como suplentes.

Os parâmetros aprovados para a reestruturação da Carreira são: eliminar as gratificações (GEMAS e GEDBT), ao menos para os professores em DE; construir nova malha salarial a partir de regras lógicas simples, de forma a superar o caos numérico existente na atual tabela de remunerações; criar uma nova classe, que não deve situar-se acima da classe de associado (esta sugestão aplica-se de maneira análoga para o Ensino Básico, Técnico e Tecnológico). Passarão, assim, a existir cinco classes, com quatro níveis cada (além da de Titular); propor elevação do teto da remuneração dos docentes, de forma a alcançar os valores recebidos pelos servidores do Inmetro (cerca de R\$14.500,00 para doutores e R\$9.800,00 para mestres; reduzir o interstício exigido para progressão (Ensino Superior), de 2 anos para 1 ano e meio, tornando-o igual ao da Carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e definir que todos os docentes serão contratados no nível 1 da primeira classe.

O Encontro decidiu também organizar seminário sobre Reestruturação das Carreiras Docentes das Ifes e remeter à Comissão para debate as seguintes sugestões: progressão retroativa para os níveis 2, 3 e 4 de Associado, levando-se em conta a trajetória acadêmica/tempo de adjunto 4 que foram enquadrados como associado 1; re-enquadramento dos professores Adjuntos 4 aposentados na classe de Associado; defesa dos direitos de aposentados e pensionistas, quando da nova reestruturação da Carreira; retomada da Licença Sabática; análise, em casos específicos, de flexibilização da progressão por titulação.

No que diz respeito ao Sistema Federal de Educação no Brasil, foi aprovado constituir uma "Comissão Reuni" para analisar as consequências da criação de cursos, contratações e demais iniciativas e ações decorrentes da adesão ao Programa; acompanhar de forma permanente e propositiva a implantação do Reuni; organizar um seminário Reuni ainda em 2008, durante o qual será apresentado um dossiê com um diagnóstico da atual situação e propostas concretas de atuação do Proifes.

A partir da experiência concreta das últimas negociações salariais com o governo, o Encontro decidiu lançar a proposta de fundar o Proifes/Sindicato, para que a entidade possa prosseguir com o papel sindical que vem desempenhando. Para isso, haverá Assembléia Geral no dia 6 de setembro com representantes de todas as Ifes. O Proifes/Sindicato representaria professores do ensino superior das Ifes, com base em todo o território nacional.

Decidiu-se ainda propor às entidades filiadas ao Proifes que trabalhem no sentido de mobilizar os docentes para a criação de sindicatos locais, que venham futuramente formar uma Federação. No debate ficou claro que esta proposta não contradiz a fundação do Proifes/Sindicato, que é um objetivo de curto prazo, enquanto que a criação de sindicatos locais e de uma federação é um projeto para longo prazo.

O Encontro debateu também as fundações estatais de direito privado/organizações sociais; reforma do Sistema Nacional de Ensino Superior e Pesquisa e a criação de um "Sistema Nacional de Educação", similar ao Sistema Único de Saúde. Participaram do evento pela Adufrgs os professores Maria Luiza Ambros von Holleben, Maria da Graça Saraiva Marques, Daniela Marzola Fialho e Renato de Oliveira, como delegados; José Carlos Lemos, Regina Witt e Félix González, como observadores; Eduardo Rolim de Oliveira e Claudio Scherer, pela Diretoria e Conselho Fiscal do Proifes, respectivamente.

Para participar do fórum de debates basta entrar na página eletrônica do Proifes (www.proifes.org.br) e acessar a área do associado digitando o endereço de e-mail como "usuário" e a senha. Caso tenha esquecido a senha, solicite uma nova, ou entre em contato com a Adufrgs. Também estão na página todas as deliberações na íntegra.

Famed comemora

110 anos

Faculdade de Medicina da Ufrgs comemora um século e uma década de existência com homenagem aos professores e apresentação da segunda fase da construção de um novo prédio para abrigar o curso. As palmas no mês de aniversário também foram para a escolha da Faculdade como melhor curso de Medicina do País. A faculdade alcançou conceito máximo no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e no Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD) do Ministério da Educação, ficando no topo do ranking.

Mauro Czepielewski, diretor da Famed comemora: "A avaliação da graduação pelo MEC é interessante porque é totalmente independente. Fomos avaliados nos dois itens de desempenho e ficamos na ponta da lista de 103 escolas de Medicina do Brasil". A Faculdade foi fundada em 25 de julho de 1898, a partir da Escola de Partos da Santa Casa e da Escola de Farmácia de Porto Alegre. O nome do curso ainda era "Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre", quando Protásio Alves¹ assumiu a primeira diretoria da faculdade.

O curso iniciou suas atividades em 1899, e se constitui na terceira escola médica fundada no País, precedida somente pelas Escolas de Medicina de Salvador (BA) e Rio de Janeiro, fundadas por decreto de Dom João VI, em 1808. Na medida em que estas duas primeiras escolas surgiram a partir do regime imperial português que se instalava no Brasil, a Famed foi a primeira criada a partir dos anseios de uma comunidade.

"Estamos em um momento de grande maturidade emocional e estrutural. A própria avaliação do Enade, entre outras avaliações que a gente recebe, a contratação de novos docentes bastante qualificados, além deste polo que a gente construiu na área da saúde aqui no sul do Brasil. A faculdade é um centro difusor de resultados e idéias, estamos inseridos nas principais problemáticas sociais da saúde, no Município, no Estado e no País", resume Czepielewski.

Nos primeiros anos de funcionamento, as aulas da Medicina aconteciam em duas salas da antiga Escola Normal, na Ladeira do Liceu (hoje Rua Marechal Floriano Peixoto), numa parte do porão onde funcionavam também a Escola de Farmácia e o Curso de Partos. Para a admissão, os alunos prestavam provas de português, uma língua estrangeira, aritmética e geometria plana. Em 1900, foi adquirido um prédio na Rua da Alegria nº 55 (hoje General Vitorino) para



adaptá-lo às exigências da Faculdade. Posteriormente outra casa foi adquirida na Rua da Cadeia (atual Avenida Senador Salgado Filho), e nestes dois locais as atividades de ensino se desenvolveram até 1924. O ensino prático ocorria nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia. A necessidade de um prédio próprio, com características voltadas para a Faculdade, se consolidou com o lançamento de sua pedra fundamental, no Campo da Redenção, em 1911.

Este grande desafio só se concretizou, porém em 1924, quando se inaugurou o prédio localizado na Rua Sarmento Leite, erguido por esforços que incluíram inclusive recursos da comunidade. Esta obra de arquitetura muita rica, marcou e marca nossa imagem até os dias de hoje, tendo sediado a Faculdade durante 50 anos, até 1974. Para o diretor da faculdade, hoje os desafios são outros. "Hoje, temos o melhor hospital universitário do País. Mas nós precisamos cada vez mais consolidar a pesquisa embasada na realidade da sociedade e oferecer, nesse cenário, perspectivas de crescimento tanto na pesquisa quanto na qualificação. Atualizar nossos laboratórios de ensino, inserir novas ferramentas pedagógicas, modernizar as formas de ensino e simplesmente manter essa pluralidade".

Um dos principais responsáveis pela obra foi o professor Sarmento Leite², reverenciado como Patrono da Faculdade de Medicina da Ufrgs. A partir de 1974, com a conclusão do Hospital de Clínicas, a maior parte dos Departamentos, foi para lá transferida, na estrutura que permanece ainda hoje. Até o final de 1998, a Direção e Secretaria da Faculdade estavam sediadas no 4º andar do prédio do antigo Ciclo Básico, onde a Rua Ramiro Barcelos encontra com a Avenida Ipiranga. Desde dezembro de 1998 toda a estrutura administrativa, incluindo Direção, Secretaria, Departamentos, Cursos de Pós-Graduação e Biblioteca, está localizada no prédio novo da Faculdade de Medicina, na Rua Ramiro Barcelos, 2400. Para Czepielewski, no entanto, um prédio não é nada sem pessoas trabalhando nele. "Um dos fatores mais importantes é o nosso corpo docente completamente atualizado, os concursos para a nossa unidade têm sido altamente disputados. Temos conseguido agregar novos talentos com a tradição da faculdade. Nos envolvemos no Reuni, e, através dele, conquistamos vagas para o curso de nutrição. É sempre importante ressaltar nosso corpo docente", resume.



O que a Famed tem?

A Famed conta com 853 alunos, inúmeros de outros Estados. Seu corpo docente é formado por 265 professores (65% com doutorado), e mais 32 professores substitutos. São 39 programas de Residência Médica, abertos a alunos de outras faculdades.

Nove programas de mestrado e doutorado. Sua produção científica é das mais expressivas na área da saúde. Em 2007, os professores da Famed produziram (com o envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação) 884 artigos científicos indexados.

Seis anos para o curso de graduação, com 9435 horas de aula e 90 de atividades complementares, que podem ser projetos de extensão e pesquisa, ou disciplinas optativas.

A biblioteca da faculdade é uma das melhores do País entre os cursos de Medicina. São 21 mil livros no acervo, além dos exemplares online. Estão disponibilizados mais de 1.200 títulos periódicos, com milhares de fascículos. Acesso a mais de cem bancos de dados.

Os estudantes contam com uma forte estrutura para aulas práticas e treinamento, como o Hospital de Clínicas, a Unidade Básica de Saúde Santa Cecília, postos de saúde de Porto Alegre, Hospital de Pronto Socorro, Grupo Hospitalar Conceição, entre outras unidades.

A faculdade é a primeira no País a não utilizar animais no ensino de técnica operatória. Para isso, são usados materiais sintéticos importados, com peças anatômicas e réplicas de tecidos orgânicos.

1. Protásio Antônio Alves nasceu em Rio Pardo/RS, em 1858, e faleceu em Porto Alegre, em 1933. Diplomado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1881, foi desde jovem membro ativo do Partido Republicano Rio-grandense (PRRR), tendo sido eleito deputado à Assembléia Constituinte Estadual do Rio Grande do Sul em 1891. Foi vice-presidente por duas vezes do Rio Grande do Sul, entre 1918 e 1928. Em 1897, fundou o Curso de Partos, anexo à Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, juntamente com Deoclécio Pereira e Sebastião Leão. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina da Ufrgs.

2. Eduardo Sarmento Leite da Fonseca, nasceu em Porto Alegre em 1868 e faleceu em 1935. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1890, Sarmento Leite foi professor catedrático da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (atual Faculdade de Medicina da Ufrgs), instituição que dirigiu de 1915 a 1935. Atuou como conselheiro municipal no período de 1924 a 1928, para o qual foi eleito pelo Partido Republicano Riograndense.

PAULO EDUARDO ARANTES

“o MST recriou a escola”

Sistema de educação paralelo, como se costuma definir as escolas itinerantes do MST, é um modo de dizer diante da “falta de melhor denominação para a concepção sistêmica de todo o processo educativo que singulariza o MST”. Para o filósofo e professor aposentado da USP, Paulo Arantes, “sem terra, e tudo o mais que se refere aos mínimos de uma vida civilizada, o MST foi reinventando um novo sujeito, que acabou recriando também a Escola”. Uma escola para formar o trabalhador enquanto agente de sua própria emancipação, “escapando da condição de máquina de produzir mais valia neste grande moinho de gastar gente, como Darcy Ribeiro definiu o Brasil”. A educação popular – que tem como ícone a Escola Nacional Florestan Fernandes – a a perda de rumo da esquerda intelectual brasileira e o ensino de filosofia no País estão contemplados nesta análise do autor de uma respeitável obra que inclui “Zero à Esquerda”, “O

Fio da Meada” e o recente “Extinção”, entre outros.

por Maricélia Pinheiro

Adverso – O encontro histórico da USP e do MST teria se dado na figura da Escola Nacional Florestan Fernandes. Por que o senhor se refere a esse fato como “confluência tardia” e “desencontro histórico”?

Paulo Arantes – Se havia um encontro marcado, a USP não compareceu. Seria melhor especificar de saída o que estamos entendendo por USP. Seu embrião, em 1934, foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a agregação original de saberes que melhor encarnava o espírito da instituição universitária, uma real novidade entre nós. Refiro-me ao corte europeu de sua concepção, reunindo ensino e pesquisa numa ambicância de livre exame, ciência pura e desinteressada. O conjunto impregnado por um sentimento novo de relevância cultural e, por extensão, social. Afinal, era a década de 30, quando o País parecia estar de cabeça para baixo.

A oligarquia paulista acabou gerando um ambiente “formador” desta mesma elite pela cristalização de um pensamento radical de classe média. Como Antonio Cândido chamou aquela primeira visão não-aristocrática do Brasil, baseada no estudo da recém descoberta “realidade” do País. Clima estudioso, animado por uma energia política que não precisava ser propriamente revolucionária para encaminhar num sentido progressista aqueles novos técnicos de sua própria inteligência – era assim que os via Mário de Andrade. Desse novo rumo brotou o encontro da ciência social com as classes populares, não só as que estavam entrando em cena, como as que a modernização deixara à beira do caminho.

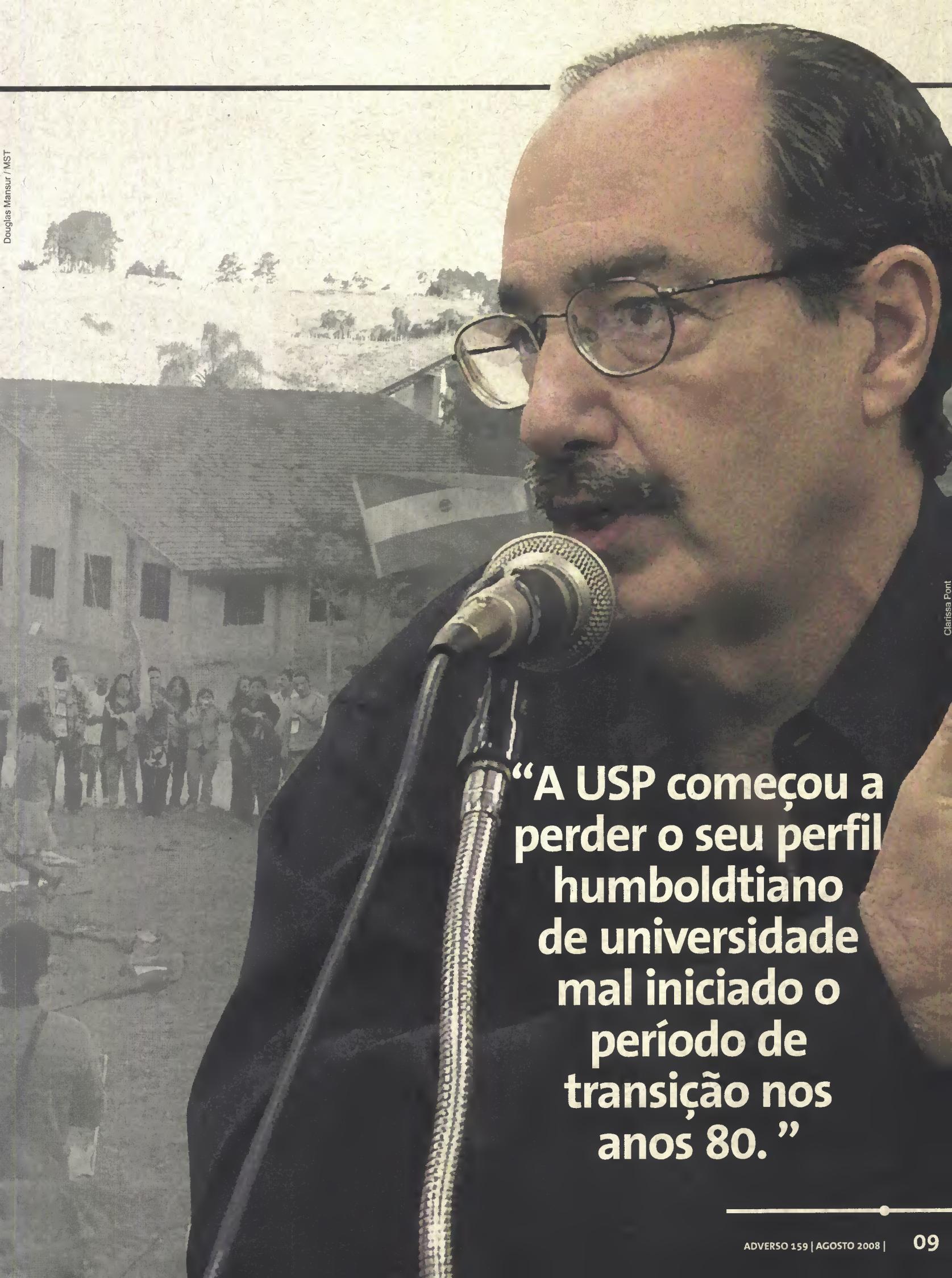
Quando o MST deu o nome de Florestan à sua Escola Nacional, é bem possível que uma espécie de sexto sentido histórico o tenha

guiado até àquele vínculo entre estudo exigente e empatia com os grupos oprimidos e marginalizados. Certamente no intuito de reativá-lo num patamar à altura dos novos tempos. Mas nossa faculdade foi ficando para trás: quanto mais se especializava e profissionalizava no sentido de mera prestadora de serviços culturais, a adversidade social crescente conferia outra dimensão de combate e pensamento a um movimento social do porte do MST. O reencontro anunciado pela escolha do nome revelou-se muito mais simbólico do que efetivo, muito mais uma evocação de um elo perdido do que o fio de uma meada enfim retomada.

A tradição crítica iniciada nos anos 30 se encerrara de vez, pouco antes do seu mais legítimo destinatário entrar em campo em meados dos anos 80, o MST. Enquanto um crescia, a outra definhava. Esse desencontro verdadeiramente histórico é fruto de uma construção nacional que não aconteceu. Como um sistema intelectual-popular não se formou, as participações individuais, mesmo as mais empenhadas, regrediram à condição de manifestações avulsas de compromisso pessoal.

Adverso – O que diferencia o MST dos demais movimentos sociais brasileiros? E que sistema de educação paralelo é esse criado por eles?

Paulo Arantes – Paralelo é modo de dizer, na falta de melhor denominação para a concepção sistêmica de todo o processo educativo que singulariza o MST. Não conheço nada que sequer se aproxime de toda a elaboração do movimento a respeito. Pelo menos desde a ruptura popular que o nome de Paulo Freire simboliza não se via tamanha centralidade da Pedagogia, em seu



“A USP começou a perder o seu perfil humboldtiano de universidade mal iniciado o período de transição nos anos 80.”

sentido transformador amplo, na formulação e condução de uma política de emancipação social através da luta pela terra. A educação como “formação” (Bildung) - na acepção mais substantiva do termo - acompanha em profundidade cada uma das etapas de um dos lemas estratégicos do Movimento: ocupar, produzir, resistir. A impressão de “sistema paralelo de educação”, do ensino fundamental até os convênios com as universidades menos preconceituosas, talvez advenha da percepção de que tudo se passa como se, nesta centralidade da instrução na luta de uma classe despossuída, encontrássemos a prefiguração de uma sociedade nacional e popular que ainda relutasse em abandonar o horizonte do possível.

Daí outra particularidade deste movimento sem igual: o único a incorporar metódicamente ao seu sistema de referências os grandes marcos de reflexão que delimitam a tradição crítica brasileira. De Caio Prado Júnior a Celso Furtado, cuja originalidade até hoje faz pensar, só o MST soube reconhecer. Ao contrário dos demais coletivos que pontuaram a história política do País pela combinação não prevista de capitalismo e escravidão, ou pela visão inédita do subdesenvolvimento como um resultado histórico-estrutural - e não uma etapa atrasada na linha evolutiva da modernização.

Acresce que um fio condutor, que Antonio Cândido chamaria de radical, ora mais, ora menos puxado pelos extremos, percorreu essa tradição hoje extinta em sua vertente acadêmica: a passagem traumática em todos os sentidos da Colônia à Nação. Nô a ser desatado pelo processo que Caio Prado chamou de Revolução Brasileira (deixando em suspenso a definição de seu caráter), ou atado de vez. O nó cego da Revolução Burguesa, a reação autocrática permanente mapeada por Florestan.

Nessa plataforma e suas ramificações posteriores, o MST assentou seu enfoque do problema da terra e seu projeto nacional. Mesmo defasada nos seus termos, trata-se de uma confluência entre formas originais de pensamento que se cristalizaram - refletindo sobre a diferença brasileira no âmbito da expansão histórica do capitalismo do centro para a periferia por ele mesmo criada, pois não existe periferia em si - e uma prática política de ruptura e invenção social tocada pela iniciativa dos espoliados da terra, que não estava no programa de ninguém. Algo verdadeiramente notável.

Adverso - O senhor poderia explicar esse momento em que o MST vira uma instituição e a USP passa de instituição a organização?

Paulo Arantes - A USP começou a perder o seu perfil humboldiano de universidade mal iniciado o período de transição nos anos 80. A ditadura massificara, pensando demagogicamente resolver o problema do chamado excedente. A esquerda achava que bastava democratizar o poder acadêmico exercido sobre aquela nova massa estudantil e docente. O contemporâneo colapso do desenvolvimento precipitou o longo processo de sucateamento e confinamento da vida acadêmica ao salve-se quem puder da administração da escassez. Como as demais instituições do welfare periférico, a USP foi alvo de todos os ajustes e reengenharias que se sabe. Fragmentou-se num arquipélago de institutos e fundações de apoio, povoados por estudantes-usuários e pesquisadores-investidores (no seu próprio capital humano). Como no mundo do trabalho, corroeu-se igualmente o caráter, na acepção sociológica que lhe deu Richard Sennet. Não estou moralizando, simplesmente notando que a idéia de carreira, sem carreirismo, deixou de fazer sentido. O ato docente, fundado numa vida dedicada à pesquisa, do

berço acadêmico à vida ativa depois de uma aposentadoria digna, caiu no vazio institucional que se instalava. Sem o docente formador que inspira e enriquece os alunos - muito menos que o seu currículo, para o qual de fato passou a trabalhar como um condenado - não se pode mais falar da universidade como uma escola. Ponto final.

O MST nasceu naquele exato momento, só que dobrou tal esquina da nossa história recente no sentido contrário, politizando o mais extremo desvalimento. Sem terra, e tudo o mais que se refere aos mínimos de uma vida civilizada, foi reinventando um novo sujeito, que acabou recriando também a Escola. Assim, com maiúscula, pois sua crença - que eu chamaria de socialista - no poder da instrução na transformação do povo trabalhador, levou-o a instituir praticamente do nada, um dos raros ambientes que ainda podemos chamar de “formadores” em nosso País e na América Latina. Formador ou humanizador, como se queira.

É preciso lembrar que no centro do MST está o problema da produção. De alimentos, para ser mais específico nesta hora de crise alimentar global. Refiro-me, portanto, à preservação e ampliação de um ambiente humanizador, conjugado ao meio hostil do trabalho penoso e acossado por toda sorte de coerções. Da violência proprietária ao descaso dos poderes constituídos, desde sempre para facilitar a esfola costumeira dos primeiros. Falo do trabalhador que se instrui e cultiva enquanto agente de sua própria emancipação, que se humaniza e forma, escapando da condição de máquina de produzir mais valia neste grande moinho de gastar gente, como Darcy Ribeiro definiu o Brasil.

Adverso - A Universidade Pública tem o dever de abrir as portas para os movimentos sociais e tomar como suas as demandas destes? Como o senhor avalia o envolvimento das universidades brasileiras, especialmente as públicas, com os movimentos sociais?

Paulo Arantes - Aqui entramos em campo minado. Até agora nosso foco era uma Faculdade muito particular no sistema USP, cujo surgimento, aliás, se deu à revelia das grandes máquinas de diplomação da elite branca local (Medicina, Direito e Engenharia). Um sistema capitalista de profissões baseado na separação hierárquica entre concepção e execução. Para os peões, a escola técnica e olhe lá, nos velhos tempos fordistas. Imaginemos a situação surreal: um movimento social bate à porta da Escola Politécnica! De duas uma. Ou é a revolução que já ultrapassou todas as barreiras prévias àquele acesso privilegiado (e irá demonstrar na prática o que é uma verdadeira sociedade do conhecimento), ou será que ninguém se deu conta do que significa ingressar num sistema destinado a subordinar outras formas de trabalho? Neste último caso, descontada a inverossimilhança do exemplo, o remoto sucesso da iniciativa apenas denunciaria a pulverização do referido



Hoje vivemos em tempo morto. Em linguagem t
o vazio deixado pela épica das massas em m

movimento num leque de ações afirmativas individuais.

Quanto aos convênios do MST com as universidades – para ir direto ao ponto –, correm por outra faixa que se poderia chamar de capacitação técnica estratégica. Como a direita não se engana a esse respeito, vive à beira de um ataque de nervos e sempre que pode extrapola. Seu fundamento material é o conhecimento socialmente produzido, porém confinado e esterilizado. Dito isto, a verdade verdadeira é que a esquerda acadêmica não sabe o que fazer, salvo a monótona reafirmação de uma universidade que nunca foi social.

Adverso – Seria possível traçar um paralelo entre o magistério da filosofia há 50 anos e hoje? O senhor acredita que com a volta da obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia no Ensino Médio, o professor dessas disciplinas pode voltar a ser valorizado?

Paulo Arantes – Há meio século, o País não era menos socialmente horrendo. Mas o vínculo recente entre uma Faculdade de

Filosofia como a nossa e os quadros do magistério secundário de cujo aprimoramento em princípio se encarregaria, é pelo menos, uma pequena revolução cultural em andamento, nos limites do possível (permitido pelo maior ou menor esclarecimento da própria burguesia). De resto, ela mesma enviava seus filhos de preferência àqueles ginásios e liceus que, embora públicos, eram seus mesmos ou compartilhados com as camadas médias da população. Classes das quais provinham os professores que chegaram a gozar de reconhecimento social numa escala impensável nos dias de hoje. Depois deste breve fastigio de classe, veio aos poucos o que se sabe: com a chegada da massa empobrecida, o aviltamento profissional e uma dramática desautorização da condição docente.

Não seria a filosofia que faria o "dia nascer feliz" no ensino médio brasileiro. Quem viu o filme, sabe que não há indicador que resista àquelas imagens de frustração e desengano. Que, aliás, precisam ser revistas na sua verdadeira chave, como vem fazendo, por exemplo, a socióloga Regina Magalhães de Souza. A seu ver, a escola à deriva, sem projeto educativo, objetivos ou conteúdos, não está em crise terminal, mas em perfeita sintonia com as atuais demandas de socialização dos jovens através do "aprendizado" de práticas de negociação com os novos fatos da vida. Assim, o que se "aprende" a valorizar num centro emissor de certificados – sem maior significado que o de validar a seleção já consumada dos perdedores – é o saber movimentar-se num mundo de coisas novas que, no entanto, são apenas as já existentes. No limite, a consagração de uma viração presente que vem a ser o próprio futuro que já chegou. A relação meramente instrumental com uma escola, que nada mais é do que um conjunto vazio de normas e regulamentos, um marco de sucesso adaptativo, numa sociedade em que o horizonte de expectativas encolheu drasticamente.

Adverso – Por que não há mais base social para que inter-

pretações como as de Florestan Fernandez, Celso Furtado, Caio Prado Júnior e Raimundo Faoro voltem a acontecer?

Paulo Arantes – O mesmo horizonte anulado de expectativas rebaixadas (responsável pelo sucesso de adaptação passiva, que vem a ser as mil e uma manobras a que se resume a perene viração do "aprender a aprender") em que se viu engessada a imaginação do povo miúdo das escolas brasileiras, também roubou o fôlego dos herdeiros de uma tradição crítica que não se esgotou por escassez de talentos. Longe disto.

Porque haveria de ser diferente, se o chão social é comum? Não basta dominar o seu ofício – no caso, a tradição crítica herdada, virada e revirada até o osso, a ponto de se tornar um formalismo a mais – numa sociedade decididamente unidimensional. Foi-se o tempo que tínhamos encontro marcado com o Futuro, com a Modernidade, ou o que fosse, contanto que assinalasse a presença tangível da História correndo a nosso favor. Até mesmo o golpe de 1964 era a contra-prova de que uma bifurcação real em nosso tempo histórico se apresentara, tanto é que uma violência política inaudita foi então deflagrada, e até hoje corre solta, para erradicar de vez a alternativa. O meio século de vigência daquelas grandes interpretações mobilizadoras distinguiu-se por uma espécie singular de processo mental. O que Antonio Cândido chamou certa vez de "consciência dramática do subdesenvolvimento", um tempo em que o País ingressou na dinâmica de uma conjuntura longa, porém agônica, alimentada pela experiência catastrófica da miséria pasmosa das populações, pedindo desfecho superador, justamente da condição subdesenvolvida.

Hoje vivemos em tempo morto. Em linguagem teatral, um tempo pós-dramático veio preencher o vazio deixado pela épica das massas em movimento, pelo menos até o fim dos anos 80. Por favor: nada a ver com o desalento confortável de quem continua se dando bem num país em que "tudo fracassou", nas palavras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (não por acaso um elo nada desprezível daquela mesma tradição crítica, cuja dimensão afirmativa afinal aforou plenamente nos anos 90).

Aliás seria bom não esquecer, neste momento de transição, quem sabe para uma outra teoria crítica impulsionada pela nova urgência da hora, que no avesso do ciclo intelectual anterior – ou melhor, no direito –, o empenho em romper com as raízes do "atraso" mal se distinguia da ambição de uma contra-elite em emparelhar com os padões metropolitanos de progresso. Por isso mesmo, escapavam ilesos da crítica, para não falar de uma possível rejeição.

Cinismo dos vencedores à parte, o fato é que o horizonte do Brasil encurtou. Resta saber que rumo político dar à interpretação deste fenômeno inédito. O deboche da classe dominante e seus representantes intelectuais consiste em arrematar. Nossas ambições são medíocres porque se encontram plenamente realizadas com a atual reconversão primário-exportadora financeirizada. A resposta de esquerda deve pelo menos partir do reconhecimento de que um tal encolhimento de horizontes pode muito bem significar um tempo social em que, pela primeira vez, as expectativas não só não ultrapassam, mas coincidem inteiramente com a experiência presente. Isto significa que a conjuntura tornou-se literalmente emergencial, como se a sociedade se confundisse com uma descomunal urgência médica. Para os mandantes de turno, a saída é puramente gestionária e combina programas sociais seletivos com escalada penal. Quanto à esquerda, se deseja mesmo se reinventar, precisa aprender a intervir numa coisa jamais





Lá vem a mulher das histórias...

“Donde está la Bestia?”, indaga preocupada a professora Graciela Quijano. Vai começar a apresentação da turma da 4^a série da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, e o ator principal está atrasado. Enquanto isso, la Bella, suas irmãs, seu pai e os demais personagens do clássico infantil “La Bella y la Bestia”, se arrumam para a encenação que começa dentro de poucos minutos. O camarim é a pequena biblioteca da escola e as fantasias foram confeccionadas pelas próprias crianças, com o auxílio de professores e bolsistas do projeto “O Conto no Assentamento Filhos de Sepé”.

A apresentação teatral faz parte da festa de encerramento do ano letivo. Quem escolhe a história são as crianças, entre tantas outras que ouviram e aprenderam a contar. Detalhe: tudo em espanhol. "Além de despertar o gosto pela leitura, o projeto também tem o objetivo de colocar as crianças do meio rural em contato com uma língua estrangeira. É uma tentativa de quebrar barreiras, fazer com que elas entendam que aprender outra língua não é só para as classes mais favorecidas, que elas também podem", explica Graciela Quijano, que coordena o projeto.

Tempos atrás, as aulas e dramatizações aconteciam em galpões, capelas, barracos de lona ou embaixo de árvores. Passados 10 anos, o projeto do Instituto de Letras, vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Ufrgs, que percorreu os assentamentos 13 de maio, em Charqueadas, e outro na chamada Estrada do Cocão, decidiu fixar moradia no Filhos de Sepé, em Viamão. Conta Graciela que, no início, a dificuldade de locomoção dentro do assentamento, devido às precárias condições dos caminhos de acesso aos setores, era compensada "pelos olhos alegres e o aceno das mãozinhas das crianças nos esperando ao longo da estrada para embarcar na Kombi da Ufrgs até o lugar onde seria o encontro". No trajeto, começava a cantoria com "O Caderno", de Toquinho, ou "Gracias a la Vida", de Violeta Parra.

Em 2002, com o intuito de experimentar a proposta de uma maneira mais formal, as atividades passaram a acontecer na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, com alunos de 1^a a 4^a série. O objetivo essencial, segundo Graciela, é estimular a leitura em crianças de zona rural. "Acreditamos que ler é um processo bem mais complexo que decodificar, e formar leitores é muito mais do que alfabetizar. Trata-se de desenvolver no sujeito leitor a capacidade de construir sentido a partir de um texto, considerando suas experiências e seus saberes, a circunstância em que lê e o contexto histórico e social", explica a professora.

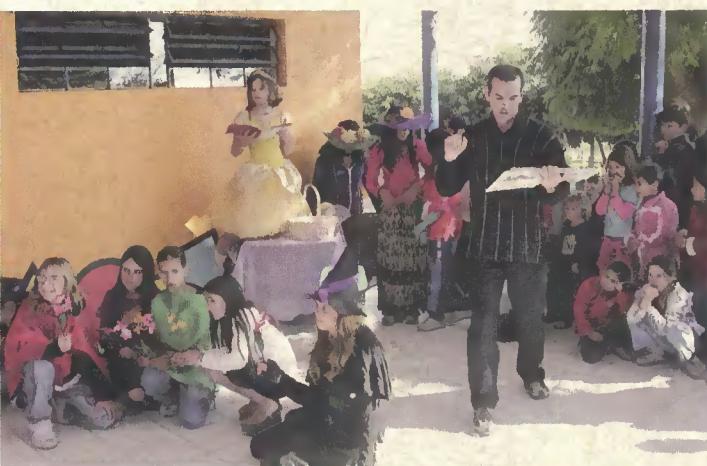
Ela ressalta que a formação de leitores não se dá apenas na escola, uma vez que aqueles que têm mais contato com variadas formas de leitura no seu cotidiano, estarão melhor preparados para desenvolver sua capacidade leitora. "O meio rural oferece reduzidos contatos com a cultura escrita, além de ser o maior reduto de analfabetismo de adultos no País", observa. Nesse processo, o mediador ou contador de histórias cumpre um papel fundamental: ele faz a ponte entre os livros e os leitores, aproximando-os, de maneira que o leitor sinta vontade de continuar lendo. Também faz parte da dinâmica do Projeto propor às crianças e aos adolescentes a formação de futuros contadores de histórias, estimulando a vontade do ouvinte de tomar o lugar do contador (aluno universitário) e contar a história de seu próprio modo ou contar sua própria história.

Nos primeiros anos, as atividades foram desenvolvidas em língua portuguesa. Ao longo do processo, a equipe introduziu o espanhol, também de forma lúdica e prazerosa. "Aprender uma língua estrangeira é uma vivência enriquecedora, pois amplia as possibilidades de autopercepção. O público-alvo do Projeto, pertencente à classe menos favorecida, tende a se perceber como incapaz de aprender, de ter acesso aos bens culturais ou mesmo de desfrutar deles. Essa capacidade das pessoas se perceberem capazes é fundamental para que lutem pelos seus direitos", acredita Graciela.

Os Livros utilizados devem ser capaz de emocionar e divertir crianças e adultos, além de transmitir valores éticos. Evita-se materiais que possam subestimar outras culturas, reforçar preconceitos sociais negativos ou estimular o consumismo e o individualismo.

A leitura do texto é feita com "animação", prática que inclui grande variedade de ações. O livro fica sempre na mão de quem conta a história, uma forma de estabelecer entre o livro e o ouvinte um elo de prazer. O encontro inclui uma brincadeira, uma música, um desenho, uma dobradura, um passeio para

explorar o espaço. "No final, abrimos a mala (la valija) dos livros, em português e espanhol, e deixamos que, livremente, as crianças usem e abusem, se deleitem com o conteúdo e as imagens dos livros", conta Graciela.



Fotos: Marcióella Pinheiro

Este espaço foi criado para mostrar o cotidiano nos campi da Ufrgs. Envie sugestões de tema e questões que envolvam a comunidade universitária para imprensa@adufrgs.org.br

CONSULTA ELETRÔNICA

Maioria diz SIM ao sindicato local

A aquisição de um caráter sindical pela Adufrgs mobilizou quase 600 associados no dia 13 de agosto, durante a consulta eletrônica sobre o tema. Dos votantes, quase 80% disseram SIM. Para que o desejo da maioria se efetive, no entanto, é preciso alterar o atual Estatuto da entidade em Assembléia Geral.

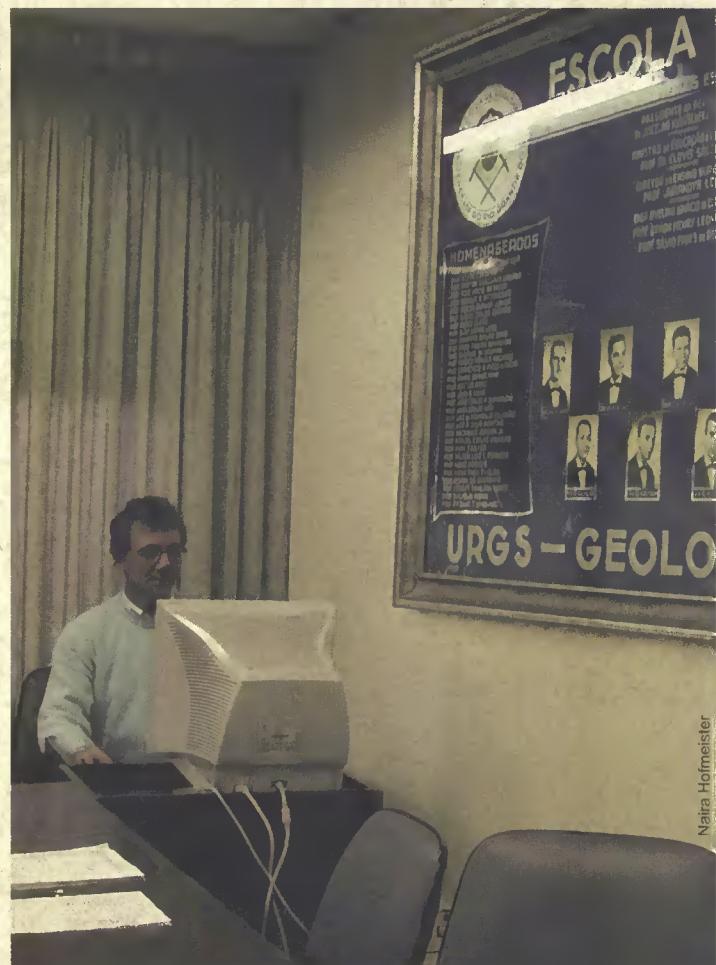
A consulta eletrônica, deliberada em Assembléia Geral no dia 30 de abril, aconteceu nos moldes da que foi feita recentemente para Reitor da Ufrgs, com um número limitado de computadores habilitados para a votação e utilizando o sistema do CPD/Ufrgs. Na Sede da Adufrgs na Cidade Baixa votaram, na grande maioria, professores aposentados, que poderiam optar pelo voto eletrônico ou em cédula. No total, participaram 596 associados, sendo 452 votos pelo "SIM" (75,84%); 128 pelo "NÃO" (21,48%) e 16 em branco (2,68%). Interessante notar que não houve nenhum voto nulo.

Segundo a Diretoria da Adufrgs, o próximo passo será convocar uma nova Assembléia Geral para tratar da modificação do Estatuto da entidade de forma que seja possível a obtenção do Registro Sindical da Adufrgs, hoje seção sindical da Andes, que não possui esse Registro. A Adufrgs poderá representar, em princípio, professores da Ufrgs e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) – antiga Fundação Federal de Ciências Médicas – e futuramente poderia agregar docentes de outras Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) que venham a se instalar na capital gaúcha. De acordo com o Estatuto da Adufrgs, a Assembléia Geral para mudança estatutária deverá ter a presença de 10% dos associados para instalação (281 atualmente) e contar com voto favorável de dois terços dos presentes.

O processo de aquisição do caráter sindical pela Adufrgs vem sendo discutido há bastante tempo, desde que Associações de Docentes de outros estados começaram a perder ações na Justiça devido à falta de Registro Sindical da Andes, que pretendemente seria o representante nacional dos docentes das Ifes. Um impasse no Ministério do Trabalho, entre a Andes e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (ConTEE), resultou na suspensão do Registro Sindical que a Andes teve por apenas quatro meses em sua história (em 2003). Portanto, legalmente, a entidade não tem representatividade de Sindicato e não pode representar suas seções sindicais na Justiça.

Em Belo Horizonte e São Carlos já foram fundados sindicatos locais. O processo está adiantado também em outras Ifes. Além da Adufrgs, as ADs da Bahia (Apub), Goiás (ADUFG) e

Mato Grosso do Sul (Adufms) já suspenderam o repasse de verbas à Andes. A idéia é congregar os sindicatos locais em uma Federação ou um Sindicato Nacional que os represente, de fato, junto ao Governo Federal e perante o Judiciário. Tendo em vista a consolidação do Proifes como entidade representativa dos professores das Ifes, especialmente depois das últimas negociações salariais, foi aprovada a criação do Proifes Sindicato, durante o seu 4º Encontro Nacional, que aconteceu em Brasília, no mês de julho. Assim, os novos sindicatos locais serão fundados já com uma base nacional.



Manifesto

PELA CRIAÇÃO DO SINDICATO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO FEDERAL (UNIVERSIDADES FEDERAIS)

A crise e a divisão que há anos acompanham o Movimento Docente brasileiro levaram um grupo de professores de diversas Universidades Federais a formar uma Comissão Pró-Sindicato Nacional, com o objetivo de avaliar a oportunidade de fundar, em âmbito nacional, o Sindicato de Professores do Ensino Superior Público Federal.

Em todo o mundo os trabalhadores repensam suas formas de organização. No Brasil, vive-se um momento importante de redefinições, em que se procura ampliar a autonomia dos trabalhadores e a liberdade sindical. No setor público, especialmente no ensino superior, esse é um desafio que se faz presente quando se busca a expansão das instituições públicas federais, quando se propõe a redefinição da carreira docente e, de forma mais ampla, quando se almeja a constituição de um Sistema Nacional de Negociação Coletiva.

Entendemos que a ANDES, Associação Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, esgotou a sua capacidade de nos representar e defender. Principalmente pelas seguintes razões:

- Desviou-se da ação sindical, dispersando-se na multiplicidade de interesses de seus filiados, pertencentes a instituições federais, estaduais, municipais e particulares, o que implica interlocução com o Governo Federal, com os governos estaduais e municipais, e com o patronato da iniciativa privada. Assim, esbarrou em conflitos de representação com entidades anteriormente constituídas, como as de docentes do setor privado, razão pela qual teve suspenso, desde 2003, seu Registro Sindical no Ministério do Trabalho e Emprego;
- Além de não mais nos representar juridicamente, des caracterizou-se por priorizar bandeiras com forte teor político-partidário, desprezando aquelas voltadas aos interesses reais dos que diz representar;
- Apostando sempre no impasse, e recusando-se a negociar, vem também, há tempos, distorcendo o processo democrático interno de representação e de deliberação, sustentando-se em uma estrutura gigantesca e perdulária, mantida pelas contribuições dos docentes, cujos anseios ignora no momento de definir táticas e de apresentar reivindicações;
- Por fim, desrespeita a autonomia política e financeira das associações de docentes filiadas, impondo-lhes contribuições que reduzem os recursos de que dispõem e, logo, suas possibilidades de ação.

Há muito se evidencia a necessidade de uma nova organização para os docentes das Universidades Federais. As últimas greves

no setor público, as campanhas salariais, a obstrução à discussão dos projetos de interesse da universidade pública, inclusive os relativos à carreira docente, revelaram que é preciso redefinir o caminho.

A criação do PROIFES, o seu reconhecimento por parte de várias AD's e a sua participação nas mesas de negociação com o Governo Federal são sinais evidentes da

necessidade de uma mudança. Em 2007, um manifesto subscrito por centenas de professores do ensino superior público federal defendeu uma nova entidade sindical, política e juridicamente legitimada, que reúna importantes requisitos como:

- Ser capaz de encampar as reivindicações da ampla maioria dos professores, orgulhando-se das lutas vitoriosas do passado, das quais muitos de nós participamos, mas, ao mesmo tempo, compreendendo que a sociedade muda, as bandeiras se atualizam e novas táticas precisam ser criadas;
- Ser interlocutora crítica, combativa, dinâmica e confiável, defendendo, por meio da apresentação e do debate de propostas concretas, os interesses efetivos de nossas instituições e respectivos professores, tanto os atuais como aqueles que, hoje aposentados, muito contribuíram para que os avanços do presente fossem possíveis;
- Ser comprometida com um projeto de país que busque superar a injustiça social vigente, no qual a universidade pública de qualidade tenha papel central, formando quadros e produzindo conhecimento;
- Ser democrática, rejeitando práticas anacrônicas, como a tomada de decisões em assembleias manipuladas, e incentivando processos de deliberação representativos da vontade da maioria, com amplas e mais ágeis consultas, utilizando, inclusive, a mídia eletrônica hoje disponível.

Apesar da fundação de alguns Sindicatos Intermunicipais, em processo de registro junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, visando a constituição de uma Federação, entendemos que a necessidade urgente de mudanças determina, como primeira etapa do processo, a fundação de um **SINDICATO NACIONAL** que garanta o exercício da democracia, o debate plural de opiniões e, acima de tudo, a representatividade real, da qual resulte a defesa das reivindicações da categoria.

A nova entidade representará **EXCLUSIVAMENTE** docentes das Universidades Federais, o que é indispensável para a unidade e a eficácia de sua ação política, em defesa do ensino público e da valorização da carreira docente.

Pelo exposto, esta Comissão acredita que é chegada a hora da mudança definitiva. Portanto, apresenta aos docentes este **MANIFESTO**, propondo, a partir do mais amplo debate nacional, a fundação do Sindicato.

Professores é hora de fazer história
À criação do Sindicato de Professores do Ensino Superior Público Federal (Universidades Federais)!

Brasília, 04 de agosto de 2008. Comissão Pró-Sindicato de Professores do Ensino Superior Público Federal (Universidades Federais)

O feitiço midiático de Uribe e a...



Embora o fascismo quase sempre tenha chegado ao poder pela força, como nos casos de Mussolini (Itália), Franco (Espanha) e Pinochet (Chile), pode também chegar pela legalidade, paradigma oferecido na Alemanha de Adolf Hitler. Aproveitando o ressentimento alemão causado pela derrota da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), Hitler manipulou a massa alemã com sua fascinante oratória, para criar um falso patriotismo. Apoiado pelo Partido do Nacional-Socialismo, ele conseguiu o poder pela via eleitoral, recebendo a adesão da imensa maioria da classe média, arrasando sindicatos, imprensa e partidos políticos, estabelecendo um Estado totalitário.

Quase 90 anos depois, a experiência repete-se na América do Sul. Na Colômbia, a opinião pública só sabe ver pelos olhos de um presidente de caráter guerreiro e messiânico. O jornalismo colombiano opera sob o feitiço midiático gerado por Uribe. Os colombianos viraram assistentes do "espetáculo Uribe". Não intervêm e cedem seus direitos em nome da luta contra o terrorismo. E Uribe é um espetáculo porque está permanentemente na televisão, sendo um excelente "produtor de notícias". Onde quer que ele vá, sempre tem um dado, uma frase, reprende seus soldados, desafia os políticos de oposição, faz de Big Brother, que tudo vê, tudo julga, tudo sabe. Revelou-se um grande comunicador, que tem inspirado confiança com uma linguagem voltada para o povo. Os colombianos o vêem e acreditam nele, o amam nas pesquisas de popularidade (acima de 70%) e os meios de comunicação lucram com este fenômeno.

O sucesso midiático de Uribe é alimentado pela adulação e tímida oposição dos meios de comunicação, pela incapacidade de informar com profundidade para contribuir à capacidade analítica da cidadania. É a política do medo ao terrorismo, a nova ideologia. A tendência é converter a notícia em um ato patriótico de luta contra qualquer idéia, pessoa ou fato que seja distinto ao do

poder. Apenas é publicado o que está em sintonia com o presidente Uribe. A mídia acredita que estar com Uribe é um bom negócio: ele produz notícias, gera sintonia e favorece seus interesses econômicos. Quem questiona o presidente é um irresponsável e pode ser tachado de simpatizante dos terroristas. A Fundação para a Liberdade de Imprensa (FLIP) diz que exercer jornalismo na Colômbia é coisa para valentes, uma vez que informar sobre massacres, tomadas guerrilheiras, casos de parapolítica (políticos ligados a grupos paramilitares) ou de corrupção é se expor a ameaças, ataques, pressões ou assassinatos. No primeiro governo de Uribe (2002-2005) houve 391 violações contra os jornalistas, entre ameaças, seqüestros, atentados, assassinatos, feridos, exilados e obstrução ao exercício jornalístico.

O feitiço midiático de Uribe, produto das suas habilidades oratórias, sua estratégia ofensiva frente à mídia que converte o palácio de governo em meio de comunicação, somado à pobreza de informação da mídia, contribui para a posição messiânica de Uribe. Assim, as pessoas aceitam, sem maior capacidade de análise, as informações transmitidas ou publicadas pelos meios de comunicação. Essa informação é superficial e direcionada, sem aprofundamento, feita para banalizar e simplificar as mensagens. Informa-se sobre a guerra, mas não se comprehende nada.

O patriotismo impede a população de ver o assassinato de sete dirigentes sociais, 19 sindicalistas e as ameaças a 28 pessoas e organizações, apenas em 2008. A maioria após a marcha de 6 de março contra o paramilitarismo, o roubo de terras por parte de grandes empresários, um congresso com representantes paramilitares, 60% da população abaixo da linha da pobreza, além de um presidente que tem estreitas relações com o narcotráfico e o paramilitarismo. O grande problema, no entanto, é a apropriação de um discurso nacionalista que trocou a apatia pelo reconheci-



...consolidação do fascismo na colômbia

"O ideal do golpista é usar as instituições democráticas para proveito próprio", Susan Sontag
por Félix González *

mento de uma paz armamentista em que a sociedade valida a pena de morte.

A eleição e a reeleição de Uribe constituem grandes triunfos dos empresários, narcotraficantes e paramilitares que se beneficiam com a guerra, a exploração de trabalhadores e a obtenção de terras pelo deslocamento forçado de pessoas. Seu primeiro período fundamentou-se na guerra contra a subversão com poucos resultados, a não ser os comboios militarizados que ofereceram a ilusão de viajar por estradas antes vedadas pela presença da guerrilha. Enquanto isso, os paramilitares tomavam regiões a sangue e fogo e operavam livremente no país, amparados pelos militares. O presidente usou a bandeira da reinserção dos paramilitares, apoiado por sua bancada majoritária no Congresso, obtendo a aprovação de decretos que concedia perdão e aristia dos crimes cometidos por eles, oferecendo ainda ajuda pecuniária. Na prática, a lei que foi chamada de "justiça e paz" era exatamente o contrário dessas palavras.

No segundo mandato, a situação econômica do país tornou-se crítica e Uribe volta com toda sua força de combate ao seqüestro e às Farc. A campanha pela segunda reeleição começou na marcha de 4 de fevereiro (inicialmente convocada contra o seqüestro, depois por ação midiática dos assessores de Uribe, tornou-se uma marcha contra as Farc), e foi impulsionada depois pelas informações dadas pela mídia após o ataque militar no Equador em que morreram 25 pessoas, entre eles Raul Reyes (3º na hierarquia das Farc), e pela guerra de nervos com o presidente venezuelano Hugo Chávez. Na metade do seu segundo mandato, Uribe está em seu melhor momento, com índices de popularidade ainda maiores que no primeiro. A opinião pública acha que ele é a solução dos grandes problemas da nação, identificados como o combate à subversão e a qualquer posição de esquerda, propiciando a intolerância de idéias e um nacionalismo perigoso.

O espetáculo midiático que oculta a realidade do país, esconde a miséria vivida no campo e nas cidades por culpa da guerra e o deslocamento forçado. O show midiático originado desde antes da marcha de 4 de fevereiro, seguido pelo ataque ao Equador, mantém o povo em euforia patriótica que propicia o apoio à guerra, enquanto desaparece qualquer discussão sobre o desemprego, a queda da bolsa, a crise do dólar, a acumulação de terras por parte de paramilitares, o assassinato seletivo, a miséria, o abandono da saúde e da educação, a privatização das estradas. A opinião pública desinformada e maravilhada com os resultados militares espetaculosos pela vertigem noticiosa das mortes e capturas de comandantes das Farc, leva a uma aceitação da pena de morte. A validação da informação passa a segundo plano e a justificativa do assassinato passa pela perversa observação de "bem que merecia".

Desta maneira, está se consolidando a aceitação do fascismo por parte do povo colombiano, sustentando um governo que encabeça o abuso e o assassinato para concentrar o poder do executivo, apoiando palavras de ordem cheias de patriotismo barato e distraindo a atenção da população sobre as grandes multinacionais e empresários locais que acumulam mais poder enquanto o povo fica reduzido a uma massa desinformada. O resultado é uma nula participação democrática e um rumo em círculos de violência, em apoio a um governo miraculoso que defende o país de inimigos internos e externos, fabricados no palácio presidencial e nos escritórios dos grandes meios de comunicação.

* Professor da Ufrgs, sócio da Adufrgs e Coordenador do Comitê de Solidariedade ao Povo Colombiano (elcuchipe@bol.com.br)

Exposição reconta a história das Olimpíadas

Onde estaria a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil? Pode estar bem mais perto do que imaginamos. Desde o dia 8 de agosto, a medalha de bronze arrebatada pela equipe de tiro brasileira, na Olimpíada da Antuérpia, Bélgica, em 1920, está exposta no Centro de Memória do Esporte (Ceme), no Campus da Esef. A peça é o carro-chefe da exposição Memória Olímpica, realizada a cada quatro anos, desde a Olimpíada de 2000, em Sidney, Austrália.

Além da medalha, que pertenceu ao atleta gaúcho Dario Barbosa, estão expostos o certificado de participação do mesmo e a lista de passageiros do navio que levou a delegação brasileira para a Bélgica. Documentos, fotos, reportagens, revistas, *banners*, suvenires, medalhas, camisetas, sacolas e bandeiras, entre outros, compõem a exposição que segue até 30 de setembro e reúne mais de 100 itens referentes aos Jogos Olímpicos Modernos.

Silvana Vilodre Goellner, coordenadora do Ceme, disse que com o novo espaço recém-inaugurado no prédio da Esef, o Centro poderá oferecer ao público exposições permanentes,

dentro dos mais variados temas ligados ao esporte. Segundo ela, o acervo é único no Brasil e reúne mais de 10 mil itens, entre livros, fotografias, documentos, recortes de jornais, revistas e artefatos relacionados ao esporte, lazer, educação física e dança. Praticamente todo o material foi doado por ex-professores, ex-funcionários, instituições e clubes.

Há alguns meses o Ceme vem trabalhando na digitalização do acervo de papel, evitando assim o desgaste natural, principalmente em decorrência do manuseio em excesso. Parte das fotos, reportagens e documentos já está disponível no www.esef.ufrgs.br/ceme.



Paixão pelo esporte e a primeira medalha olímpica

O gabinete na casa da Rua Cândido Silveira, bairro Auxiliadora, ficou pequeno, as exposições foram se tornando cada vez mais difíceis para organizar e as ofertas de clubes, instituições privadas e colecionadores, interessados em adquirir o acervo que juntara ao longo da vida, começaram a se multiplicar. Consciente do valor histórico e da importância de todo o material passar a ser um bem público, o médico Henrique Licht, hoje com 86 anos, há oito decidiu doar grande parte de seu acervo esportivo para a Ufrgs. "Minha ligação com a Universidade é muito grande. Eu, minha esposa e filhos nos formamos na Ufrgs, onde também lecionei como professor substituto e trabalhei como médico", conta.

Em 2000 aconteceu a primeira doação. Outras se seguiram. De posse de uma tabela cuidadosamente feita à mão, Licht contabiliza: "Até 2007 foram doadas 8.880 peças. Na próxima doação, depois das Olimpíadas, serão mais 300". Entre os itens doados está a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil. "Há mais ou menos 20 anos, uma colega de trabalho da minha esposa, professora de artes, disse a ela: 'teu esposo gosta tanto de esportes, pois eu tenho uma medalha, que foi do meu tio. Se eu achar, vou dar a ele essa medalha'. Ela era sobrinha do Dario Barbosa, integrante da equipe de tiro que ganhou a primeira medalha olímpica para o Brasil, em 1920, na Antuérpia (Bélgica). Ela me deu a medalha, na caixinha original", recorda.

Licht conta que no mesmo ano em que ganhou a medalha que havia pertencido a Dario Barbosa, um colega sugeriu que fizesse uma exposição com o material que tinha guardado de olimpíadas. "Estive em Munique, em 1972, e havia juntado muita coisa. Então decidi organizar e montar uma exposição em Santa Maria. Depois expus na Sogipa e a professora, sobrinha do Dario, que havia doado a medalha, ficou muito emocionada ao vê-la exposta e resolveu me passar também a medalha de participação e fotografias que estavam guardadas com ela".

A partir daí as doações foram crescendo. Grande parte do acervo relativo às olimpíadas ele recebeu do também médico Eduardo Henrique de Rose e do ex-presidente da Fifa, João Havelange, de quem é amigo desde a década de 40. "O Henrique de Rose e a Regina, esposa dele, vão há muitos anos aos jogos olímpicos de verão e de inverno, então tinham muita coisa guardada, inclusive uniformes. O João Havelange me mandou 18 pacotes no total, com documentos, material preparatório das olimpíadas, CDs. Sem falar das pequenas doações de amigos e familiares como ingressos, distintivos", relata.

Além do acervo doado à Esef/Ufrgs, o médico repassou a coleção de material esportivo relativa ao remo, esporte que praticou na juventude, para o clube União e fez ainda doações ao Museu do Grêmio e para alguns arquivos de federações. Ainda assim, ele conserva em seu gabinete uma quantidade razoável de peças e documentos, organizadas cuidadosamente em um recanto que lembra um mini-museu do esporte.



Maricélia Pinheiro

Henrique Licht com troféu de remo, esporte que praticou na juventude.



O que
Exposição Memória Olímpica

Quando

Até 30 de setembro

De segunda à sexta, das 14h às 18h

Onde

Centro de Memória do Esporte/Esef
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico

Informações

3308.5830

Entrada Franca

PRESTAÇÃO DE CONTAS



ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA
UFRGS
CNPJ-MF Nº 90.757.204/0001-64

BALANÇETES – VALORES MENSAIS - 2008

RUBRICA / MESES	MAR
ATIVO	3.833.636,80
FINANCIERO	3.587.849,41
DISPONIVEL	1.194.832,70
CAIXA	2.106,82
BANCOS	4.380,99
APLICAÇÕES C/ LIQUIDEZ IMEDIATA	1.188.344,89
REALIZÁVEL	2.393.016,71
APLICAÇÕES FINANCEIRAS A CURTO PRAZO	2.352.987,97
APLICAÇÕES FINANCEIRAS	2.352.987,97
ADIANTAMENTOS	5.645,08
ADIANTAMENTOS A FUNCIONÁRIOS	5.645,08
OUTROS CRÉDITOS	3.625,33
OUTROS DEVEDORES OU CRÉDITOS	3.625,33
DESPESAS DE EXERCÍCIOS SEGUINTES	519,54
PRÉMIOS DE SEGURO A VENCER	519,54
ESTOQUES ALMOXARIFADO	30.238,79
ATLAS AMBIENTAL	30.238,79
ATIVO PERMANENTE	245.787,39
IMOBILIZADO	232.267,60
BENS IMÓVEIS	258.103,71
BENS MÓVEIS	148.295,69
(-)DEPRECIAÇÕES ACUMULADAS	(174.131,80)
DIFERIDO	13.519,79
SISTEMAS PROCESSAMENTO DADOS	12.071,48
BENFEITORIAS EM BENS DE TERCEIROS	16.425,74
(-)AMORTIZAÇÕES ACUMULADAS	(14.977,43)
 PASSIVO	 3.703.917,77
PASSIVO FINANCIERO	35.418,00
OBRIGAÇÕES OPERACIONAIS	19.865,16
OBRIGAÇÕES FISCAIS E SOCIAIS	6.163,13
OBRIGAÇÕES COM O PESSOAL	355,25
CREDORES DIVERSOS	13.346,78
OBRIGAÇÕES PROVISIONADAS	15.552,94
PROVISÕES P/ENCARGOS C/PESSOAL	15.552,94
SALDO PATRIMONIAL	3.668.499,67
ATIVO LÍQUIDO REAL	3.304.749,88
SUPERAVIT ACUMULADO	363.749,79

ADUFRGS – ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS		FOLHA 2
RUBRICA / MESES	MAR	ACUMULADO
RECEITAS	165.593,99	518.868,00
RECEITAS CORRENTES	135.538,92	407.141,99
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	135.538,92	407.141,99
RECEITAS PATRIMONIAIS	28.100,97	86.055,08
RECEITAS FINANCEIRAS	27.850,31	85.425,34
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	250,66	629,74
RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICais	78,10	19.753,62
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	78,10	19.753,62
OUTRAS RECEITAS	1.876,00	5.917,31
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	1.876,00	5.917,30
OUTRAS RECEITAS	0,00	0,01
DESPESAS	134.114,93	389.148,97
DESPESAS CORRENTES	134.114,93	389.148,97
DESPESAS COM CUSTEIO	36.564,85	89.393,08
DESPESAS COM PESSOAL	21.449,49	50.014,41
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	3.795,31	12.803,62
DESPESAS DE EXPEDIENTE	2.209,69	3.571,98
DESPESAS TRIBUTÁRIAS	621,43	718,07
SERVIÇOS DE TERCEIROS	4.872,21	14.891,63
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	191,03	1.049,46
DEPRECIAÇÕES E AMORTIZAÇÕES	1.870,34	3.520,55
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	1.511,55	2.692,32
ENCARGOS FINANCEIROS	43,80	131,04
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	48.555,88	158.046,50
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	853,65	4.022,15
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	0,00	13.093,50
DESPESAS COM VIAGENS	8.776,54	20.763,64
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	3.275,00	9.892,20
DESPESAS C/ATIVID. POLÍTICO-ASSOCIATIVA	4.848,50	13.683,90
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	27.402,19	70.751,11
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	14.140,00
DESPESAS COM ATIVIDADES SINDICais	3.400,00	11.700,00
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	48.994,20	141.709,39
CONTRIBUIÇÕES PARA O ANDES	27.107,78	81.441,34
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	8.425,68	23.850,11
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROIFES	13.460,74	36.417,94
RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS	31.479,06	129.719,03
RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO	129.719,03	129.719,03
EDUARDO ROLIM DE OLIVEIRA Presidente	NINO H. FERREIRA DA SILVA Contador - CRC-RS 14.418	

Este é o espaço dos convênios Adufrgs, com informações atualizadas e dicas para você e sua família. Faça já sua carteirinha de sócio! Entre na página eletrônica, acesse o link "Convênios", consulte a lista e aproveite todas as oportunidades que a Adufrgs lhe oferece.



SAÚDE

Fonoaudiologia

Danielle Ferreira Scardiglia

Desconto de 30%
Rua Annes Dias, 112 / sala 134, Centro
(51) 3228.5488 / 9688.1500

Fernanda Paula Ribeiro

Desconto de 30%
Rua José de Alencar, 237, Menino Deus
(51) 3231.9188 / 3024.4772 / 9252.3052

Márcia Rejane Azuzga Prass

Desconto de 30%
Rua Itapeva, 80, Passo D'Areia
(51) 3362.3300 / 9968.9362

Psicologia

Andréia Martins da Silva

Desconto de 30%
Av. Assis Brasil, 1631, sala 404, Passo D'Areia
Rua Uruguai, 335, sala 104, Centro
(aos sábados das 8h às 16h)
(51) 3341.6067 / 9969.1669

Jane Wulff Altschieler

Desconto de 30%
Rua Felipe Camarão, 751, sala 806, Bom Fim
(51) 3331.6819 / 9935.1520

Maria da Graça Almeida

Desconto de 30%
Rua Thomaz Flores, 95, sala 403, Bom Fim
(51) 3248.8043 / 8193.3552

Clínicas

Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP)

Descontos de acordo com a faixa salarial
Rua Bágé, 368, Petrópolis
(51) 3333.4801 / 3335.3534

Clinica Adventista

Desconto de 50% sobre o preço das consultas e valores especiais para Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Psicologia, Psiquiatria, Sexologia.
Rua Matias José Bins, 581, Três Figueiras
(51) 3382.1200

Clinica de Psicologia Espaço Crescer

Desconto de 10%
Rua Afonso Rodrigues, 257, Jardim Botânico
(51) 3336.1410 / 9121.8765

Domicilium – A Arte do Bem Viver

Psicologia
Desconto de 50%
Rua Felipe Camarão, 751, sala 304, Bom Fim
(51) 3019.0417 / 3311.5117 / 9725.7529 / 9845.7420



Santo Tomé (Argentina): Alunos da Escuela 554 Josefa Fernandez dos Santos usam máscara do Saci Pererê durante aula sobre o folclore brasileiro

Integração de escolas na fronteira

No Sul do País, na fronteira com a Argentina, a educação é a ferramenta utilizada para romper barreiras e promover a integração. Cerca de 850 alunos brasileiros em cinco municípios que fazem divisa com cidades do país vizinho participam do projeto Escolas Bilíngues de Fronteira, um acordo bilateral entre os ministérios da Educação do Brasil e da Argentina, implantado em 2004.

No município gaúcho de São Borja, que faz fronteira com a cidade argentina de Santo Tomé, província de Corrientes, duas escolas participam do intercâmbio desde 2005. Todas as terças-feiras, dez professoras trocam de lugar com as "maestras" argentinas, atravessando a ponte que passa pelo Rio Uruguai e separam os dois países.

O início do projeto foi um desafio para as professoras de ambos os lados, que além do idioma tiveram de enfrentar as diferenças culturais. Acostumadas a receber beijos e abraços de seus alunos a cada manhã, as professoras do Brasil estranharam a distância inicial nas salas de aula argentinas. E as professoras argentinas dizem que aprenderam a se relacionar de outra maneira com as crianças. Brincadeiras, cantigas de roda e datas comemorativas são algumas das estratégias utilizadas como apoio ao intercâmbio cultural.

A partir do próximo ano, Paraguai e Uruguai devem passar a integrar o projeto. A Venezuela também demonstrou interesse e as negociações com a Bolívia devem começar no segundo semestre.

Cursos de Medicina em xeque

Levantamento divulgado em agosto pelo Ministério da Educação revela que 27 cursos de medicina do País "não têm condições de funcionar", nas palavras do próprio governo. Nessas escolas, cerca de 2.600 alunos se formam anualmente, o que representa um a cada quatro médicos que terminam o ensino superior na área.

Os cursos mal avaliados tiveram notas 1 e 2 em um novo indicador criado pelo MEC, o CPC (Conceito Preliminar de Curso), que vai de 1 a 5. Ele contabiliza desempenho e evolução dos alunos no Enade 2007 (antigo Provão), perfil do corpo docente (como titulação dos professores) e a satisfação dos estudantes, com base no questionário do Enade. Nos anos anteriores, o ministério considerava apenas o desempenho e a evolução dos universitários na prova. Dos 153 cursos de Medicina analisados, apenas quatro obtiveram a nota 5, que significa "referência na área".

(Fonte: Folha Online)

Aquecimento global na agricultura e pecuária

O aumento da temperatura global vai provocar crescimento menor da agricultura brasileira nos próximos anos, aponta o estudo "Aquecimento Global e Cenários Futuros da Agricultura Brasileira", elaborado pela Unicamp em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). A pesquisa detectou a possibilidade de quebra da produção agrícola, principalmente de grãos. No entanto, a mudança climática deve favorecer a cultura da cana-de-açúcar e, consequentemente, a produção do etanol. A mandioca (aipim ou macaxeira) é outro produto que não sairá perdendo com o aquecimento global, porque embora o Nordeste deixe de produzir, essa raiz poderá ser cultivada na Amazônia, ainda que não imediatamente. O aumento das temperaturas deve atingir também as condições das pastagens para desenvolvimento do gado de corte, o que diminuirá a produção de alimento animal e afetará diretamente a exportação de carne. (Fonte: Agência Brasil)

Visão realista da Era Romana

Inaugurado no dia 16 de agosto, o museu do Parque Arqueológico de Xanten (APX) ou Colonia Ulpia Traiana (como o lugar era conhecido na Era Romana), no vale do Baixo Reno, Alemanha, aposta em experiências sensoriais e objetos inusitados para oferecer ao turista uma visão mais realista da Era Romana. A construção custou cerca de 22,5 milhões de euros e tem 24 metros de altura, o equivalente a um prédio de oito andares. Para ajudar visitantes a compreenderem o tamanho que as construções romanas tinham, os arquitetos construíram prédios de estruturas metálicas no mesmo tamanho dos originais, e para calcular a altura original, basearam-se nas dimensões das fundações do lugar. Sua localização, afastada do centro de Xanten, favorece a estrutura da imensa construção que não precisa competir visualmente com prédios modernos, como acontece com outros sítios arqueológicos na Alemanha, como Trier, Colônia e Bonn. (Fonte: Folha Online)

www.akatu.org.br

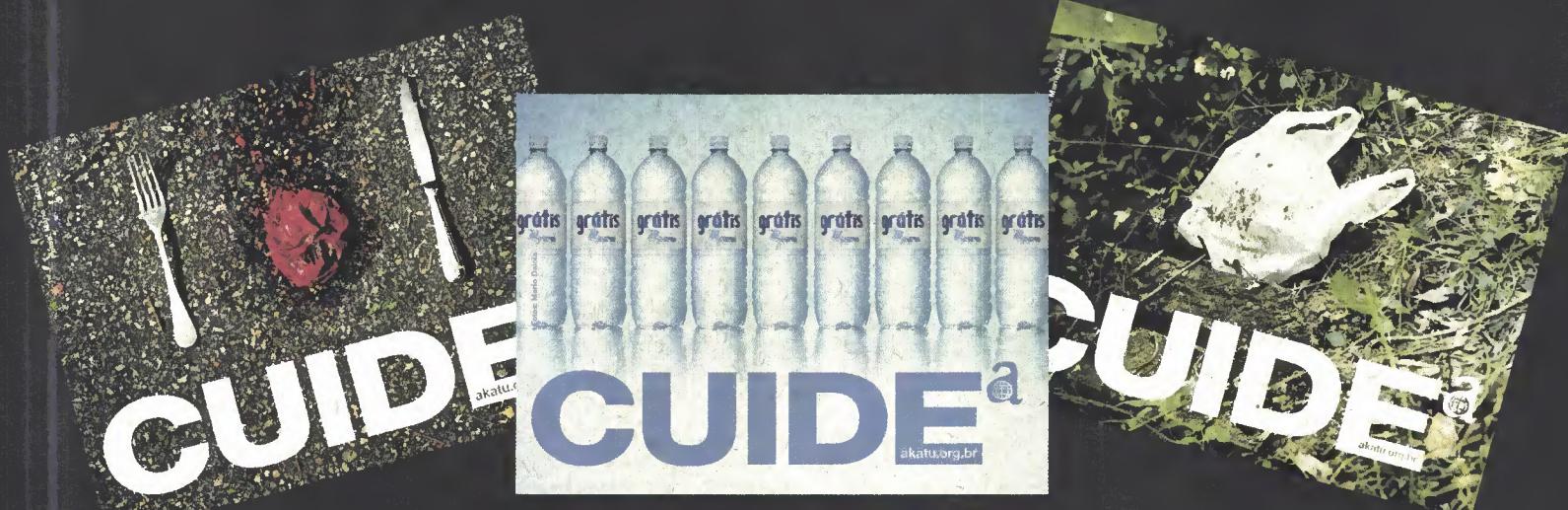
Consumo sustentável

O Brasil recicla apenas 17,5 % do plástico rígido e do plástico filme, aquele usado em sacos de lixo e sacolas de supermercado. O resto vai parar no lixo, onde leva mais de 450 anos para se degradar; ao deixar a água escorrendo pelo cano enquanto escovamos os dentes, gastamos em média 13 litros a cada escovação de 2 minutos, quando seria necessário meio litro. Se um milhão de pessoas decidirem fechar a torneira, serão economizados diariamente 37,5 milhões de litros de água limpa e tratada, o que dá para abastecer mais de 200 mil pessoas; os medicamentos contêm substâncias químicas que podem contaminar o solo e a água e não devem ser descartados no lixo comum; devido ao mau uso da energia, o Brasil desperdiça cerca de R\$ 10 bilhões por ano em petróleo, eletricidade e gás natural.

Essas e muitas outras informações sobre consumo sustentável estão disponíveis no site do Instituto Akatu, ONG

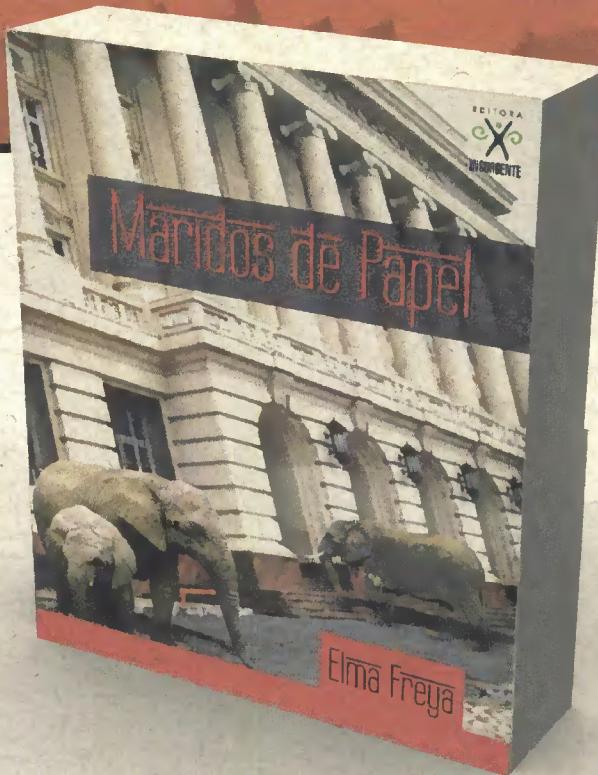
criada em 2000 dentro do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. A partir do primeiro trabalho, a cartilha "Sou + Nós", e das campanhas publicitárias "Seu consumo transforma o mundo" e "Cuide", o Akatu construiu uma plataforma de atuação sólida e hoje é considerada a principal ONG brasileira do movimento chamado Consumo Consciente.

O site, em português e inglês, traz seções específicas que explicam o que é "Consumo Consciente" e como praticá-lo; publicações, projetos, acervo multimídia, campanhas publicitárias; reportagens especiais, espaço para opinião, entre outros. No link "Interatividade", o internauta encontra um Guia de Empresas e Produtos, espaço onde empresas divulgam práticas de Responsabilidade Social e o Teste do Consumidor Consciente, questionário que avalia o grau de consciência dos consumidores. Há ainda um fórum, que reúne opiniões sobre os temas em debate e uma enquete.



www.adbusters.org

Página eletrônica do grupo canadense Adbusters (literalmente caçadores de anúncios), fundado em 1989. O grupo ficou conhecido por parodiar anúncios publicitários com uma mensagem anti-consumismo. Em 1992, idealizou o Buy Nothing Day (Dia sem Compras), onde as pessoas são convidadas a passar ao menos um dia sem comprar nada. A ideia é promover uma reflexão sobre o peso que o consumo tem no estilo de vida contemporâneo.

**Maridos de Papel**Elma Freya
Editora Insurgente351 páginas
R\$ 30 *

Uma história real sobre uma batalha travada no poder judiciário baiano, que durou 23 anos e meio para encerrar um casamento que durou menos de 6 anos. Racismo, sexism, violência doméstica e a luta pela democratização do Judiciário dão o entorno do enredo. Não chega a ser uma obra contracultural, mas certamente pretende despir a cultura machista que prevaleceu na Justiça baiana durante o século 20. "A contribuição de 'Maridos de Papel' foge ao âmbito da vida pessoal e cai no mundo profissional daqueles que estudam o Direito e a Política na Bahia. No campo do Direito é vasto o material sobre andamento e emperramento de processos na Justiça baiana. (...) A partir de como o poder se organiza entre nós, o papel

das instituições políticas dentro dele e, principalmente, o poder Judiciário, é que vamos entender as razões e as sem razões de nossa tão injusta Justiça. (...) Uma injustiça consolidada nas duas únicas verdades que são absolutas no mundo da política: a primeira é que quem está no poder vai usar de todos os meios para continuar lá. A segunda é que a transformação deste mundo, deste poder é obra somente de suas vítimas, dos injustiçados" (Israel Pinheiro, cientista político da Bahia).

* Venda em Porto Alegre através da Verdeperto Editora (editora@verdepertocomunica.com.br - 51 3228.8369).



O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes
Helen Osorio
Ufrgs Editora

356 páginas
R\$ 30

Jornada de Educação Popular: pelo encontro da escola com a vida
Graciela Reyna Quijano
Ufrgs Editora

104 páginas
R\$ 12

Esta obra faz parte de uma nova vertente da historiografia brasileira no que diz respeito ao império português e suas conquistas. Trata-se de um estudo de história econômico-social que analisa a formação e dinâmica de diferentes grupos sociais e as hierarquias econômicas que se constituíram. A produção agrária, o comércio e a escravidão são abordados sob o prisma dos contatos entre impérios ultramarinos da época moderna e, assim, possibilita conhecer, de maneira mais sensível, as relações sociais que davam vida à fronteira e seus territórios contíguos.

A obra reproduz as palestras e os debates realizados na Jornada de Educação, que dá nome ao livro, realizada no Auditório do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados, na Ufrgs, em agosto de 2003. Sintetizados, estes materiais são uma forma de retribuir aos professores a valorização do evento, servir de apoio às suas reflexões sobre o trabalho escolar e, também, colaborar com os cursos de formação de professores, já que os conteúdos tratam da vida na escola.

Do armário ao HD

Fotos Naira Hofmeister

A exposição comemorativa durou apenas seis dias, mas o conteúdo da mostra “Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – Imagens e Memória”, representou cem anos dedicados à preservação da História da Arte.

por Naira Hofmeister

Nas paredes estavam quadros de Leopoldo Gotuzzo (1939), Angelo Guido (1940) Ado Malagoli (1956) e João Fahrion (1960). E até um Barbesan datado de 1903. "É a peça mais antiga do acervo", revela a coordenadora do espaço, professora Ana Maria Albani de Carvalho. Todas as obras pertencem ao acervo do centenário Instituto de Artes (IA) da Ufrgs, mas a exposição tinha outros objetivos, além de revelar as obras da reserva técnica. "Não se trata apenas de uma coleção de arte: contempla acervo, galeria e restauro", explica. São mais de 600 peças no acervo, entre pintura, gravura, desenho, fotografia, multimídia e escultura. "Aqui está contada uma boa parte da História da Arte do RS – principalmente no período dos anos 50 e 60", revela Ana.

Quem visitou a exposição pôde comprovar que a compra de obras para constituir a reserva técnica era prioridade desde a fundação do Instituto de Artes. No relatório financeiro de 1928 – exposto na mostra – constam despesas de 900\$000 (novecentos mil réis) com a aquisição de quadros de Libindo Ferras (Tarde de Outono) e Judith Fortes (A Ciganinha). Também está descrito o investimento de 14:800\$000 (quatorze contos e oitocentos mil réis) com um piano Steinway. "Isso era na época em que ainda investiam na aquisição de acervo. Agora dependemos de doações", diz Ana. Pelo menos desde a reinauguração, em 1992, não há rubricas para novas compras e a atualização do acervo é realizada através de projetos, como a mostra de professores e artistas do IA, Singular no Plural. "Cada um que expunha, doava sua obra depois para rejuvenescer o acervo". Caso a Universidade voltasse a investir na compra de obras, outro problema seria trazido à tona. "Não temos espaço nem segurança para a Reserva Técnica", denuncia Ana.

Curiosamente, entre os documentos históricos expostos na mostra, estavam os projetos de ampliação do Instituto de Artes assinados por Fernando Corona, professor do IA na década de 1930. A ilustração de Corona, realizada em 1947, se divide em três tempos: o 'ontem', prédio original do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, criado em 1908; 'hoje', com a segunda edificação, datada de 1945 e o 'amanhã', onde está desenhada uma sede que nunca foi concretizada. "Se estenderia desde a Igreja até a esquina da Praça Dom Feliciano", observa Ana, lembrando que o novo prédio compreenderia, além da escola, um teatro e um museu.

Outra característica evidenciada na mostra "Pinacoteca Barão de Santo Ângelo - Imagens e Memória" é a vocação do espaço para a interação entre academia e comunidade. "Funciona como laboratório de alunos, por isso o que é exposto, é resultado da pesquisa em artes visuais", observa a coordenadora do espaço. É a Pinacoteca que abriga todas as exposições de alunos egressos do IA, além de mesas redondas, debates e seminários sobre Artes Visuais. A mostra comemorativa, por exemplo, foi o resultado prático da cadeira de Introdução à Museografia. "Os alunos se engajaram tanto que trabalharam inclusive nas férias de julho", comemora.

A vontade dos alunos de transpor os limites teóricos da sala de aula concretizou a exposição. "Seria uma mostra hipotética, virtual", acrescenta Ana. Como não estava programada no calendário, teve curta duração. "Temos uma agenda superlotada e nesse caso, achamos melhor fazer em seis dias do que não fazer

nada", explica. Mas a exposição revelou a necessidade de investir na divulgação desse órgão, ainda pouco conhecido do público fora da instituição. "Vamos imprimir um folder e colocar no ar um site exclusivo sobre a Pinacoteca", anuncia a professora.

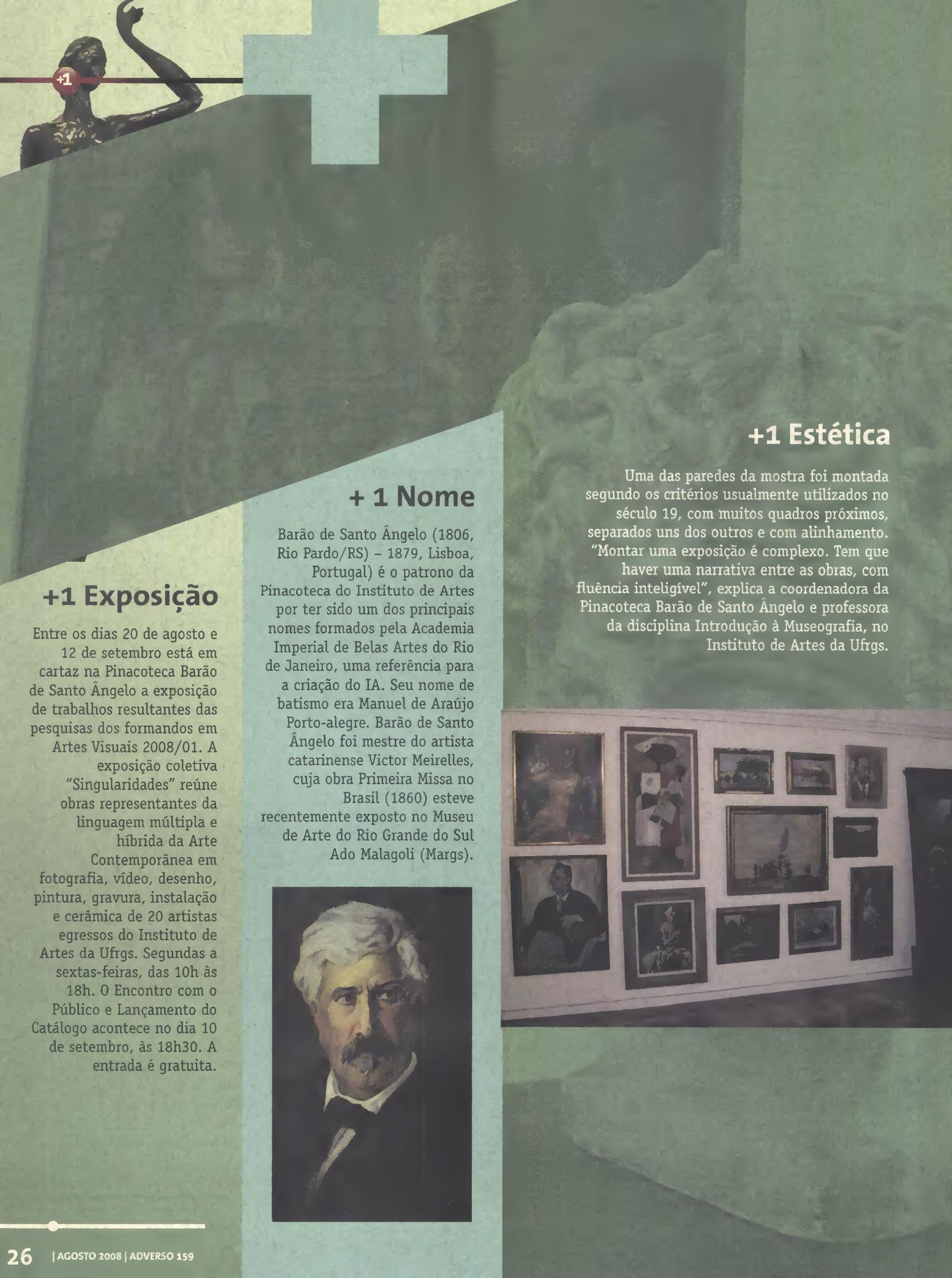
O endereço virtual será inaugurado em 2010 – em comemoração aos 100 anos do Departamento de Artes Visuais – e vai abrigar todo o acervo digitalizado. "Já completamos o trabalho com os desenhos e gravuras. Agora falta a parte de pintura e esculturas", revela. No link <http://www.ufrgs.br/galeria> é possível encontrar a documentação de todas as atividades exposições da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo entre os anos 2000 e 2006.

Formação e informação diversificada

Através das mostras em cartaz na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, é possível verificar a diversidade da produção no Instituto de Artes da Ufrgs. Como as mostras são sempre coletivas e estão associadas a um trabalho de pesquisa, fica fácil fazer uma leitura das tendências de um determinado momento. "Esse perfil de diversidade que a curadoria institui deve ser preservado. É resultado da pesquisa em artes visuais de uma instituição consagrada", sublinha a coordenadora.

Todas as atividades realizadas na Pinacoteca são gratuitas. "Nossa principal característica é não depender diretamente do mercado, poder atuar e enfatizar outras características da arte que geram debate público", observa. Ana Maria ressalta ainda que os egressos dos cursos do Instituto de Artes são maioria nos corpos técnicos de outras instituições e carregam consigo esse conceito de articulação de idéias. "Não formamos mais apenas professores e artistas, conforme as habilitações de licenciatura e bacharelado. Nossos alunos atuam em montagem produção, curadoria, projetos e crítica".



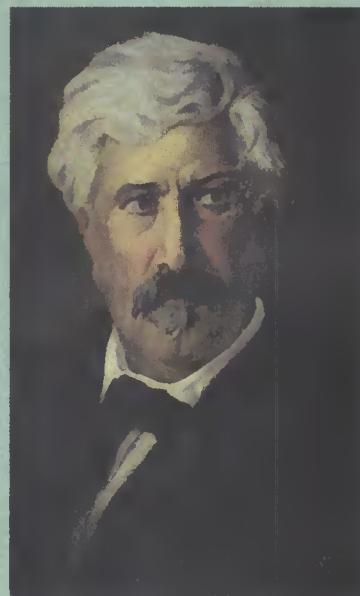


+1 Exposição

Entre os dias 20 de agosto e 12 de setembro está em cartaz na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo a exposição de trabalhos resultantes das pesquisas dos formandos em Artes Visuais 2008/01. A exposição coletiva "Singularidades" reúne obras representantes da linguagem múltipla e híbrida da Arte Contemporânea em fotografia, vídeo, desenho, pintura, gravura, instalação e cerâmica de 20 artistas egressos do Instituto de Artes da Ufrgs. Segundas a sextas-feiras, das 10h às 18h. O Encontro com o Público e Lançamento do Catálogo acontece no dia 10 de setembro, às 18h30. A entrada é gratuita.

+ 1 Nome

Barão de Santo Ângelo (1806, Rio Pardo/RS – 1879, Lisboa, Portugal) é o patrono da Pinacoteca do Instituto de Artes por ter sido um dos principais nomes formados pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, uma referência para a criação do IA. Seu nome de batismo era Manuel de Araújo Porto-alegre. Barão de Santo Ângelo foi mestre do artista catarinense Victor Meirelles, cuja obra Primeira Missa no Brasil (1860) esteve recentemente exposto no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Margs.).



+1 Estética

Uma das paredes da mostra foi montada segundo os critérios usualmente utilizados no século 19, com muitos quadros próximos, separados uns dos outros e com alinhamento. "Montar uma exposição é complexo. Tem que haver uma narrativa entre as obras, com fluência inteligível", explica a coordenadora da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e professora da disciplina Introdução à Museografia, no Instituto de Artes da Ufrgs.



a história DE QUEM FAZ

100

Manifestação na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Ufrgs no dia 1º de junho de 1995. Neste ano, os professores não aderiram à greve nacional das universidades públicas federais, que tinha entre suas principais motivações a discussão sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). No entanto, a Universidade manteve-se mobilizada e realizando debates sobre os projetos para a nova LDB.



